

Daniel Munduruku

Por Marcia Caetano Langfeldt*

Nascido em 1964, na Aldeia Maracanã, no Pará, Daniel é graduado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia. Doutor em Educação pela USP, tem ainda um pós-doutorado em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos. Recebeu o prêmio Jabuti em 2004 pelo livro *Coisas de Índio*, além de diversas outras premiações. É Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República, diretor-presidente do Instituto UKA – Casa dos Saberes Ancestrais – diretor do Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual, além de Conselheiro Consultivo do Museu do Índio do Rio de Janeiro.

Daniel é autor de 47 livros para crianças e jovens, nos quais divulga a cultura e a história dos diversos povos indígenas brasileiros. O povo mundurucu está presente hoje nos estados brasileiros do Pará, do Amazonas e do Mato Grosso e totaliza, aproximadamente, 12 mil pessoas. A língua que fala é o mundurucu.

* Doutoranda em literatura brasileira no Centre de recherches sur les pays lusophones da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3, dedica-se à pesquisa: “L’Amazonie et les impasses de la civilisation : lecture critique des récits de voyage du début du XXème siècle.” Entrevistou Daniel Munduruku em 21 de março de 2015.

Marcia Caetano Langfeldt – O que significa ser indígena no Brasil hoje?

Daniel Munduruku – O significado de ser indígena hoje no Brasil é estar em sintonia com o tempo atual. As pessoas normalmente têm uma ideia de que o indígena está no passado, ele é fruto do passado e é escravo do passado. Esse tipo de abordagem não leva em consideração que o povo indígena vive uma cultura que se atualiza a cada dia. Todo povo que quer sobreviver, tem que necessariamente se atualizar. Se ele não fizer isso, ele morre. A cultura morre, ela desaparece. A cultura, por si só, é dinâmica e é absolutamente criativa. Não se pode querer que o indígena nos tempos de hoje seja o indígena do século XVI. Aliás, quem quer isso, quer dominar. Aqueles que não aceitam que a cultura [indígena] seja criativa e se atualize são pessoas que querem usar esse argumento para dominar. E o povo indígena não quer mais ser dominado, aliás, nunca quis. E hoje em dia, com toda essa tecnologia que temos, é que ele não quer mesmo.

Por que você prefere a palavra indígena ao nome índio?

Eu tenho combatido um pouco essa palavra “índio”, porque eu entendo que ela é um apelido que foi colocado para os nossos povos. E todo mundo sabe que apelido não é uma coisa positiva. Ninguém coloca um apelido em alguém para elogiar. A gente coloca apelido nas pessoas considerando que elas são inferiores. Eu tenho trabalhado na tentativa de que as pessoas nos tratem pelo nosso nome, e não por esse apelido, que é carregado de estereótipos. Na cabeça das pessoas, índio é preguiçoso, índio vai contra o desenvolvimento, índio é selvagem, índio vive no passado, etc. E, quando se fala algo positivo, como “o índio é inocente, é coitadinho” acaba jogando esses povos para um papel secundário. E o que a gente quer mostrar é que esses povos têm que ser tratados com dignidade. O nativo da terra, o original daquele lugar. Então, quando as pessoas dizem, “o Daniel é índio”, eu digo, não, o Daniel é mundurucu. Ser mundurucu é ter um pertencimento, é ser alguém. Ser índio é ser nada.

O seu mais recente livro, *Das coisas que aprendi*, é uma nova abordagem dentro do seu trabalho de divulgação da cultura indígena, já que é voltado para um público mais adulto?

Sim, eu quis colocar nesse livro um pouco das reflexões e das coisas que eu sigo e vivo e que não é só a descrição de uma vida na aldeia. Mas é uma forma de questionamento da sociedade que a gente vive: uma sociedade consumista, egoísta, que é construída em cima da disputa entre as pessoas. Eu quis mostrar que há outras maneiras de se viver essa vida, esse nosso momento. Então, para esse livro, eu construí alguns textos falando da filosofia indígena, ou seja: em que o indígena acredita, como ele acredita naquilo e onde aquilo em que ele acredita o conduz.

Você atuou como contador de histórias em escolas. Você pode falar sobre a sua relação com as crianças e jovens, se essa troca direta de experiências com o seu público-leitor foi importante para o seu trabalho criativo?

Antes de começar a escrever eu já contava as histórias que eu viria a escrever. E isso me permitiu um raciocínio mais rápido para criar as histórias. Porque as histórias que eu escrevo não são apenas coisas que eu vivi na aldeia, mas também são criação minha. Muitas histórias minhas são ficção. Eu acho sim, que o contador de histórias que mora em mim e que teve a experiência de contato direto com as crianças e jovens, inclusive como professor, foi o que me deu essa rapidez.

E o que você traz da sua experiência como indígena para o trabalho da escrita?

O que eu aprendi tem muito a ver com oralidade e com ouvir, com treinar os sentidos para andar na floresta, para ouvir os sons da floresta para não andar em caminhos ruins. Isso é o que faz a educação tradicional da gente e de um povo sofrido, de um povo batalhador. Portanto, todo o meu trabalho, a minha opção de vida, foi no sentido de não perder essa minha origem. O que eu faço hoje, tanto como professor quanto como escritor, é uma ação militante, para

contribuir para que a sociedade eduque o seu olhar para ver coisas que ela está perdendo. Um deles é esse sentido de pertencimento ao universo que a gente tem. E esse desligamento é o que ocasiona todos esses males ambientais que a gente está vivendo. Então, quando eu luto pela questão ambiental ou pela questão da literatura, para que as pessoas leiam a minha literatura com esse sentido de religar-se com esse espírito universal, tem o objetivo claro de fazer com que as pessoas não percam a sua origem. Assim como eu faço o possível para não perder a minha.

Você insiste na questão da diversidade dos povos indígenas no seu trabalho de escritor, sempre ressaltando as diferenças, mais do que as semelhanças. Por quê?

A diversidade é muito positiva para o Brasil, enquanto povo e enquanto cultura. O Brasil é uma cultura híbrida. No meio desse povo brasileiro híbrido, tem as culturas indígenas. São mais de 280 povos indígenas, quase 200 línguas diferentes. Esses povos e essas diversidades [linguísticas] têm que ser mantidos. Porque senão a gente cai no erro de achar que o indígena tem que deixar de ser indígena para poder ser feliz, de achar que só quando ele entrar no mundo do branco, só quando ele consumir as coisas, quando ele tiver televisão, enfim, quando ele tiver acesso a todos os bens é que ele vai ser feliz. Isso tudo pode acontecer, mas como escolha dele. Um país miscigenado como o nosso tem que garantir a sobrevivência da nossa diversidade cultural, para que esses povos, não querendo entrar no mundo do consumo, possam viver do jeito que acharem conveniente. E tem ainda que oferecer condições – caso esses povos queiram entrar na sociedade de consumo – para que eles não sejam massacrados por essa sociedade. A riqueza do Brasil está na diversidade e essa diversidade tem que ser buscada, querida, aceita por todo o povo brasileiro.

A sua literatura está ligada a um papel de educador?

Eu sou educador de formação. Eu tenho que espelhar uma espécie de esperança, tenho que oferecer uma esperança. A literatura me caiu no colo como uma maneira de fazer isso de uma forma

mais doce, mais poética, mais tranquila. Ao invés de irmos para o embate étnico ou a guerra, a literatura permite que a gente ofereça para as crianças e jovens a possibilidade de elas olharem para a diversidade e viverem a diversidade no seu cotidiano. A literatura é um instrumento maravilhoso para isso, na minha vida de escritor e militante.

A sua obra já foi traduzida para alguns idiomas. Foi importante para você esse reconhecimento?

Eu nunca busquei que minha obra fosse traduzida, eu escrevo para o povo brasileiro, nunca tive muito interesse em atravessar as fronteiras. Mas, é fruto de uma literatura que tem boa aceitação dentro do Brasil, ela chegar em outros cantos. Já tive livros publicados em coreano (coisa espantosa, mas é verdade), livros publicados no México, Estados Unidos, Canadá, agora estamos preparando um na Alemanha, tenho um em italiano. E, agora, no francês.

Você falou em algumas entrevistas sobre a importância do silêncio para o povo mundurucu. Qual a relação dessa cultura do silêncio com o seu trabalho?

Eu acho que a literatura se faz com palavras e silêncios. Entre palavras, frases e ideias que a gente deixa transparecer no texto, há também os silêncios que todo escritor deve colocar nas entrelinhas, para dar ao leitor a possibilidade de ele compreender, refletir e colocar suas próprias ideias no meio disso. O povo indígena é um povo do silêncio. É um povo que treina os seus sentidos, são grupos humanos que prezam o silêncio para a sua sobrevivência. A gente precisa do silêncio para conversar com os outros seres que a gente acredita que existem. E esses seres precisam entrar nos nossos sonhos, na nossa mente, para que a gente se abra para a possibilidade de comunicação.

O povo mundurucu tem uma estratégia de comunicação sem palavras, que se dá sobretudo através de gestos do corpo. Às vezes um gesto que é imperceptível para as pessoas comuns, é possível, como um pequeno tremido dos lábios, um pequeno gesto de corpo,

de perna, de braço, a pessoa consegue se comunicar. Isso é uma estratégia de povo guerreiro, é uma estratégia de quem tem que se movimentar em silêncio pela floresta e não pode fazer sons, que desperta a atenção de outros grupos. Cada povo desenvolve suas estratégias e elas nem sempre são reveladas. É claro que as pessoas da cidade também têm as suas estratégias de comunicação, levando em consideração o ambiente onde vivem. No meio da floresta tem que ser desse jeito. Para nós, o silêncio é fundamental, o povo indígena não vive sem silêncio.